

Coleção Vidas em cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma e outros cordelistas, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse www.museudapessoa.org ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:



Cleone Santos: Uma Mulher de Luz



Quem traz consigo o afã
De buscar libertação,
Não importa quantas vezes
A vida lhe disser não,
Manterá acesa a chama
Pondo luz na escuridão.

Sabe que o sonho é direito
De quem não pôde escolher,
Também que sonhar transforma
E impulsiona o viver.
Por isso alarga horizontes,
Pois o seu lema é **Vencer!**

Faz parte do pensamento
Que Cleone alimentava,
Em todos os movimentos
Onde essa mulher passava,
Quem estivesse caído
Dava a mão e levantava.

Seja no sindicalismo
Sonhando com um novo dia,
Seja em busca de um abrigo
Na luta por moradia,
Fez história e se firmou
Para o que ainda viria.

Mais uma vez posta à prova,
Levada pelo momento,
Vislumbrando mais recursos
Que garantisse o sustento,
Mantém firme toda garra
Trazida do movimento.

Cerca de dezoito anos
Pareceu andar perdida,
Vivendo com tantas outras
No submundo da vida,
Mas ganhou experiência
E empreendeu nova vida.

Maria Nilza Dias Pereira, mais conhecida como Nilza Dias, nasceu em Guarujá, São Paulo, e foi criada na cidade de Poções, interior baiano. Filha de nordestinos, na infância e juventude, bebeu na fonte da cultura local em suas mais variadas manifestações, com destaque para a literatura de cordel. Radicada na Grande São Paulo desde 1996, é graduada em Pedagogia e Letras e professora da rede pública. Como autora participou das coletâneas Visão Poética 2020 e Intenções Poéticas, além de outras antologias. Como cordelista, tem diversas publicações, entre elas Multidão Solitária, Luas de Mulher, A Lenda da Cachorra Helena e A Viúva e o Juiz. É autora, ainda, de uma versão rimada do romance Orgulho e Preconceito, de Jane Austen (Editora Florear) e de uma adaptação do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, para a coleção Clássicos em Cordel (Nova Alexandria), no prelo.

Maércio Siqueira Nasceu em Santana do Cariri (CE), mas mora em Crato, no mesmo estado desde 1983. Graduado em Letras (2001), iniciou-se na xilogravura em 1999. Depois de um intervalo sem se dedicar a essa arte, a partir de 2006 voltou a gravar, estudando junto a Carlos Henrique as técnicas que esse artista desenvolveu. Em 2007, participou de uma exposição coletiva “Incisão”, no Centro Cultural Banco do Nordeste- Cariri. Juazeiro do Norte (CE). Sua primeira exposição individual foi Impressão de Mundos, 2008, no Sesc-Crato. Foi presidente da Academia dos Cordelistas do Crato em 2009. Atualmente cursa Mestrado em Filosofia, em João Pessoa. Ilustrou vários livros, dentre os quais O Tribunal da Floresta (de Klévisson Viana), A Volta a o Mundo em Oitenta Dias em Cordel (de Pedro Monteiro), Codel do Pequeno Príncipe (de Stélio Torquato) e a caixa temática 10 Cordéis Nota 10 (de Marco Haurélio).

Ficha Técnica:

Autoria: Maria Nilza Dias Pereira

Curadoria: Museu da Pessoa

Xilogravura: Maércio Siqueira

Diagramação: Cláudia Letícia de Souza Pinto

Impressão: Gráfica e Editora Cinelândia

Revisão e Consultoria: Marco Haurélio

Apontando algum caminho

A quem ali precisava,

Apesar de nele imersa

Aquele mundo estudava...

Sair e jamais voltar

Cada dia ela pensava.

Foi nessa situação

Onde ela foi entender

Como que o patriarcado

É capaz de reverter

Todo mal que faz, em culpa

De quem já vive a sofrer.

Não lhe foi um tempo fácil,

Teve muito que lutar

Por ser mãe-solo e ainda

Da família camuflar

Em qual ofício atuava

Para a casa sustentar.

Mesmo assim ergue a cabeça
Sabendo que a luta é sua,
Não aceita porta-voz
Da verdade nua e crua,
De quem vive a laborar
Em cada esquina de rua.

É na Marcha das Mulheres
Que ressurge a liderança
Por um tempo "camuflada"
Como quem anda, mas cansa,
Depois se empodera e segue
Com mais garra e confiança.

Nessa nova militância
Despertou alguns olhares,
Curiosos ou de escárnio
Chegaram-lhe aos "milhares",
Mas a firmeza na luta
Levou-a a outros lugares.

Com quem quer que conviveu
Deixou muito ensinamento
Ela era luta e era colo,
Era toda acolhimento;
Quem duvidar busque e ouça,
Há muito depoimento.

Em dois mil e vinte e três
Fez a sua despedida,
Partindo pra eternidade
Deixando aqui sua lida,
Mas também a sua história
Para mirar, ser seguida.

Alguém que levou a vida
Buscando libertação,
Mesmo com pouca saúde
Manteve a preocupação
E, num leito de hospital,
Viu dentre seu pessoal
A quem passar o bastão.

Quem leu a vida e os livros
Foi capaz de registrar
Em **Trajetórias de Vida**
É possível observar,
Quanto **Mulheres da Luz**,
Pôde a história mudar.

Cleone Santos viveu
Para a insubmissão,
Foi contra o patriarcado,
Contra a discriminação.
Luta de classe pulsava
Bombeando o coração.

Sua existência entrelaça
Com a sua militância,
Não dá para separar,
Viveu sempre em vigilância
Para exigir os direitos
Nunca quis medir distância.

Foi trabalhar com mulheres
Que desde a escravização,
Exploradas por seus donos,
Vão pra prostituição,
Sofrendo em cada despejo
Pela higienização.

Daí o Parque da Luz
Tornar-se a referência,
Reduto dessas mulheres
E ponto de confluência.
Cabia ação que levasse
Acolhida e consciência.

Buscar políticas públicas
Era a real intenção,
Só matar a fome física
Dando um pedaço de pão,
É ação que perpetua
Esta vil situação.

Foi com a “Bicicloteca”
Incentivando-as a ler,
A isso juntou depois
Uma “Tarde de Lazer”,
Até que surgiu a ONG
Para melhor acolher.

Foram quinhentas mulheres
Ali beneficiadas,
Levantando a autoestima
Mantendo-as bem-informadas,
E as pequenas vitórias
Sendo enfim, comemoradas.

Dali saem cuidadoras,
Assistente social,
Também empreendedoras
No setor artesanal,
Com parcerias de vendas
Do seu produto final.

Sua garra e militância
Rendeu-lhe muita conquista
Na busca por moradia
E como sindicalista,
Mas onde fincou raízes
Foi no front feminista.

Foi rebelde, insubmissa,
Muito justa e solidária
Que buscava construir
Uma vida igualitária.
Enfim, uma fortaleza
E revolucionária!

Não dispensava, na folga,
Tomar uma cervejinha,
Receber em sua casa
Quem amava e lhe convinha,
Ouvir música raiz,
Assim ela se entretinha.

Reflita só um pouquinho:
Quem quer uma profissão
Que não dá nenhum orgulho,
Mas, sim, discriminação?
A quem tal lei favorece?
A “rua”, é certo que não.

Ali é uma condição,
Não é lugar de destaque,
É momento transitório
De quem sofreu algum baque,
Tornar isso profissão
É um cuidado de araque.

Como sempre, os bordéis ganham,
Preserva o patriarcado.
Quem atua lá na rua
Não terá bom resultado,
Vai sofrer perseguição
Por quem sente assegurado”

Uma mulher que mostrou
Ter fibra e sabedoria,
Exímia conhecedora
Da história e do dia a dia,
Se ela pudesse escrever
Em versos assim diria:

“Ser mulher é carregar
Um boi e mais dois pianos
Todo dia, sem descanso,
Sem direção e sem planos;
Soma a isso o desrespeito
Que só lhe traz desenganos.

Pense então na mulher negra
De quem tudo foi tirado.
Sem escola, sem saúde,
Sem um cantinho adequado
Que abrigue a si e aos seus –
Todo o direito negado.

Por vezes, como saída,
Busca a prostituição
Que marca profundamente
Sua existência e, então,
Fica incrustada em sua alma,
Auto estigmatização.

Pois essa função sufoca,
Apesar de dar dinheiro,
É sempre estar vulnerável
Como se num atoleiro,
Cada dia se afundando,
Vida afora, o tempo inteiro.

Sonhar, quem dera pudesse...
Mas a dura realidade
Faz com que se torne cética
De outra possibilidade
Sendo mãe, tia ou avó,
Não importando a idade.

Porém sonhar é direito
De quem não pôde escolher
Que rota trilhar na vida
Pra poder sobreviver,
Por isso é essencial
Que alguém possa lhe acolher

Ali não tem coitadinha
Nem quem queira piedade.
Lá estão as criaturas
A quem a sociedade
Virou as costas negando
Qualquer oportunidade.

Por isso nunca aceitei
Alguém por elas falar,
Nem creio nesse discurso
Que deve legalizar,
Bem sei, que a situação
Com isso vai piorar.